



RESENHAS

CAIAFA, Janice

Nosso século XXI.

Notas sobre arte, técnica e poderes.

Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

Angela Dias

Vattimo, ao pensar a experiência pós-moderna como campo de possibilidades, reconhece que, diferentemente da tradição moderna - apoiada, mesmo em suas rupturas, na racionalidade tecnocientífica -, nossa contemporaneidade busca o conhecimento e a verdade numa outra perspectiva: no modelo estético e na retórica. Mais além de todo o consenso negativo sobre nossas atuais "sociedades do espetáculo", em sua estetizada redoma da "vida real", interdita no inesgotável exílio das imagens, importa aqui valorizar a hipótese do pensador: até que ponto não seria possível uma vivência reflexiva do caráter "pós" de nossa época, numa chave alternativa à sua condenação "como o inferno da negação do humano"?

Sem complacência ou qualquer concessão à "insustentável leveza" de tons e estilos hoje em pauta, Janice Caiafa empreende, com precisão e delicadeza, uma

bela incursão a este horizonte teórico em que a atividade estética, apesar dos cotidianos falseamentos, constitui um promissor "ponto de fuga" ao império do que é e se dá como fatalidade. Com efeito, *Nosso século XXI. Notas sobre arte, técnica e poderes*, em seu pequeno e sugestivo formato, configura uma densa problematização - sem catastrofismos nem gratuita positividade - da atual "passagem para um terceiro milênio", vista, numa espécie de ambíguo afastamento, "à sombra de si mesma": simultaneamente como "duro limiar" e "interstício" a ser "garimpado" (p. 12).

Partindo da perspectiva pós-estruturalista e semeando, sobretudo, as lições de Foucault, Deleuze e Guattari, a ensaísta, numa dicção despojada e avessa à afetação, incorpora também a ontologia crítica de Walter Benjamin, visivelmente contagiando-se com a intensidade poética de seu pensamento. Assim, o mútuo entrelaçamento dos artigos curtos e pródigos, alimentado pela tênue rede de conceitos gradativamente tecida, apóia-se, desde o ensaio de abertura, na sugestiva polaridade das imagens do "fósforo" e da "estrela cadente", que, reaparecendo, isoladas e renovadas, em várias passagens, preparam o voto do capítulo final, selado pela "duração cintilante" da última.

A modalidade poético-reflexiva do ensaísmo de Janice, se, de fato, reafirma sua condição de poeta, de várias coletâneas, ainda a merecerem maior atenção crítica, igualmente aponta tanto para a linhagem teórica do seu pensamento, como para a densidade da estratégia adotada, em que o modelo

¹ Gianni Vattimo. *O fim da modernidade. Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. Trad. Maria de Fátima Boavida. Lisboa: Editorial Presença, 1987, p.16. Tal hipótese fundamenta toda a rica investigação filosófica do livro, desdobrada a partir da ontologia hermenêutica de Nietzsche e Heidegger.

estético torna-se não apenas o horizonte, mas também o próprio modo de produção do discurso que o delinea, o questiona e, ao mesmo tempo, o busca.

Assim, a consideração da obra de arte, iniciada no território controvérsico do cinema, por uma sensível interpretação de um filme húngaro, desconhecido entre nós, produz justamente as imagens mencionadas, como uma espécie de metafórico solo para o pensamento.

Desde o início, fica, então, bem desenhada pela economia textual, a aliança entre arte e pensamento, reiterada a cada passo, em decorrência da peculiar temporalidade que pode capacitar-se a criar, como possibilidade de transformação do que é. Aliás, na esteira de Benjamin, a autora não só vai estruturar os alicerces de sua arquitetura teórica, como também será levada a apostar, ainda que comedidamente, no poder da criação contra o adesismo ao presente.

Por isso, partindo das qualidades atribuídas à obra de arte pelo pensador - a "distância no tempo", a "duração" e a "incompletude", ou a capacidade de produzir ressonâncias -, Janice dispõe-se a examinar o carrossel de imagens e atitudes, dispostas e inspiradas pelos meios contemporâneos, desde as tevês, convencional e a cabo, até as redes de informática. No ritmo deste percurso, cuidadoso e sutilmente reflexivo, se oferecem as melhores prendas do livro.

Nos antípodas da "densidade" do tempo preenchido pela experiência da vida ou da arte, o desejo moderno oferece a disponibilidade e a profusão: nos bancos de dados, nos atalhos diversionistas das redes de informática, nas cadeias das tevês a cabo. Além disso, contra toda possibilidade de repercussão inerente à "pós-vida" do trabalho artístico, a contemporaneidade comunicacional inventa a interação, como definitiva virtude a comprovar, finalmente, a vitalidade democrática da técnica.

Na engenhosa construção destas bipolaridades, a ensaísta faz desfilar e, em seguida, desmonta os mais acreditados engodos em circulação: de um lado, a suposta "generosidade" do excesso disponível normalmente desemboca em precariedade de vínculos e em volubilidade, ou impossibilidade de concentração. Ou seja, num tipo de relação em que o usuário, informático ou televisivo, consome horas e é por estas horas consumido, visto que os produtos oferecidos, em sua aparente diversidade, jamais duram: ou saciam e são, em seguida, esquecidos; ou não satisfazem e são, imediatamente, descartados. Daí o caráter previsível desta espécie de busca cíclica, porque viciada no "sempre igual", ou seja, num padrão dado de forma apriorística e, por isso mesmo, automaticamente requisitado.

De outro lado, a tão saudada figura da interação, de certa forma, a pedra de toque da excelência das redes de informática, por fim, transferida aos livros - a literatura infantil interativa -, aos jogos e, *last but not least*, à televisão. Reconhecendo, de saída, a superficialidade da troca televisiva - "não há decisão alguma quando se tem de assumir os pressupostos (...) a única decisão seria recusar a pergunta ou dar uma resposta a outra pergunta" (p. 26) -, Janice, em relação à suposta vantagem pedagógica do interacionismo literário, observa: "Estamos sendo passivos quando não 'completamos' uma história, quando não retruçamos, por exemplo, a Dostoiévski?" (p. 26).

A contrapartida a esta tola celebração do interativo vai situar-se, ainda uma vez com Benjamin, no hálito inesgotável de cada história, sustentado desde sempre pela tradição oral: "Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas" (p. 46). Daí, do caráter contagiante de todo processo criativo, a ensaísta aporta à crucial contraposição entre criar e consumir:

Ou seja, ouvir para recontar - para participar das ressonâncias da obra, para criar - implica entregar-se, ingressar na duração da obra sem esgotá-la. O contrário portanto de consumir. Criar com a obra é experimentar com ela esse processo de ressonâncias. Não é o truque técnico de completá-la. Pôr um ponto final é tudo o que uma grande obra não precisa para repercutir na vida-obra do leitor. (p. 27)

Da visceral diferença entre estes regimes, apoiada na divergência radical entre narrativa e informação, o ensaio tira um excepcional rendimento. A contemporânea tarefa da arte e do pensamento, na contramão da "axiomática capitalista", consiste, segundo a formulação deleuziana, na modéstia do "conservar - sempre a contra-tempo" (p. 51). Contra a domesticação da imagem - potencializada na "ginástica visual" televisiva - pelos "podres poderes" da organização social, contra a "obsolescência da escritura", combater o bom combate é desafiar os imperativos comerciais do consumo imediato e da subtração do tempo, na busca de novas intensidades, na produção de diferença, como exercício criativo de várias expressões, ou aventureira investida num campo de singularidades.

E se, "num sentido forte, a criação começa quando há resistência" (p. 59), conservar a "função estética ou noética do cinema" (p. 41) é afastá-lo, assim como ao vídeo, do frenesi acumulativo da tevê, numa outra direção em que, como na fotografia, a arte do instante produza a aura e o fascínio de uma distância que dure no tempo.

Contra a maciça produção de subjetividades conformistas, a menção às guattarianas "máquinas estéticas", em seu trabalho de invenção de "novos campos de referência" (p. 66), aqui converge com o "mínimo de contrasenso" apontado por Benjamin como o "sinal secreto" de uma oblíqua afinidade entre um

conhecimento que opera por saltos no tempo - desobrigado da fatalidade homogênea e vazia do progressismo - e a arte.

Por isso, a "respiração na arte e no pensamento" salva, enquanto inaugura, em meio à tempestade do progresso, uma clareira de novos ritmos, um "espaço angélico" - como o quer Rilke, na leitura de Janice - reinstaurando o poder originário da primeira troca do homem com o mundo. Aliás, a este respeito, o exemplo da escritura de Janice é privilegiado, encarnando com rigor e delicadeza a lição benjaminiana sobre o bom escritor: "É dom do bom escritor, com seu estilo, conceder ao pensamento o espetáculo oferecido por um corpo gracioso e bem treinado. Nunca diz mais do que pensou. Por isso, o seu escrito não reverte em favor dele mesmo, mas daquilo que quer dizer".²

² *Ibid.*, p. 268.